



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

ANIZABEL COSTA DUARTE DO REGO

**INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA GEOGRAFIA ESCOLAR: UMA ANÁLISE
A PARTIR DE FONTES HISTÓRICAS**

Campina Grande – PB

2016

ANIZABEL COSTA DUARTE DO REGO

**INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA GEOGRAFIA ESCOLAR: UMA ANÁLISE
A PARTIR DE FONTES HISTÓRICAS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Campina Grande-Campus Campina Grande, curso de Geografia, como requisito parcial para conclusão.

Orientadora: Prof.^a Angélica Mara de Lima Dias

Campina Grande – PB

2016

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que de alguma forma doaram um pouco de si para que a conclusão deste trabalho se tornasse possível:

A Deus pelo dom da vida, pelos ensinamentos, pela sabedoria, por guiar meus caminhos até aqui.

Aos meus pais que mesmo não estando comigo diariamente, torceram pelo meu sucesso, compreenderam minhas ausências e acreditaram no meu potencial. A meus irmãos que cresceram ao meu lado e acompanharam minha caminhada até aqui.

Aos meus avós Paternos Hemetério (*in memorian*) e Nancy (*in memorian*) pelo exemplo de bondade, honestidade e respeito que deixaram para toda família. Como fazem falta!

A meus avós maternos Aderson e Conceição - meus segundos pais - pelo carinho, cuidado e acolhimento que sempre tiveram comigo e meus irmãos.

A meus tios, que sempre nos receberam em suas casas como filhos, ajudaram na nossa criação, na mensalidade da escola, caronas para Campina e entre tantas outras coisas. Essa conquista só foi possível por causa de vocês, obrigada!

A minhas primas-irmãs Andrezza, Aluska e Mainara, que me ajudaram durante toda a graduação, acrescentando no meu conhecimento e incentivando a querer sempre mais.

A Lucas, pelo apoio que vem me dando desde a escolha do curso até a escrita deste trabalho. Obrigada também pelo carinho, compreensão e amor.

A minha professora orientadora Angélica Mara, pelo auxílio, disponibilidade de tempo e material, pelo incentivo e paciência na orientação, que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

A todos os professores do curso, que contribuíram na minha vida acadêmica e formação.

Aos meus colegas de turma por todos esses anos de convivência em especial a: Mylena, Josseane, Julia, Ailson, Douglas, Luilton, Ulisses e Polyanna.

A família PIBID, os coordenadores Sergio Murilo e Luiz Eugênio, pela oportunidade de fazer parte desse programa. Aos supervisores Patrícia e Jorismar Sena, pelo incentivo a prática docente. E aos meus colegas bolsistas das equipes que fiz parte.

Ao grupo GEPEG, pelas tardes de leituras e debates que tanto contribuíram para a escrita desse trabalho.

RESUMO

A Geografia escolar no Brasil, desde a sua formação, era uma disciplina que buscava disseminar os valores patrióticos nacionalistas, de forma conteudista através de práticas mnemônicas. A partir da década de 1920 houve mudanças nessas práticas, com a inserção da Escola Nova, com novas metodologias de ensino, que possibilitassem aos alunos a criticidade e assim produzirem suas próprias análises. Dessa forma objetivamos analisar a importância dos recursos didáticos na prática de ensino de Geografia. Para tanto, abordamos a respeito desses recursos didáticos em uma perspectiva histórica, utilizando um recorte temporal, marcado pela orientação moderna da Geografia. Por isso, escolhemos como principal fonte a obra “*Práticas de Geographia*” de Raja Gabaglia publicado na década de 1920 e como material de apoio, as Revistas do IBGE (1963 – 1969), a obra *Methodologia do Ensino Geographico* de Delgado de Carvalho. Desta forma, apresentamos uma discussão sobre cultura escolar, e como base teórica utilizamos autores como Nagle (2009); Chervel (1990); Dias (2013); Ferreira (2012); Albuquerque (2011); Rocha (2009); Carvalho (1925) e Gabaglia (192-). Seguimos a abordagem de uma pesquisa qualitativa de cunho histórico no qual enfatizamos as metodologias de ensino da Geografia escolar. Diante dessa pesquisa podemos perceber, a partir dos recursos didáticos, que as inovações metodológicas acompanham o contexto histórico em que estão inseridas. E que a obra analisada marca uma nova forma de ensinar, por meio de aula prática, através de um ensino ativo.

Palavras chave: Geografia escolar. Cultura escolar. Recursos didáticos.

ABSTRACT

School Geography in Brazil, since its formation, it was a discipline that aimed to disseminate patriotic nationalist values, using mnemonic practices. Starting 1920s there were changes in these practices, with the inclusion of the New School, through new methodologies that would enable students to criticality and so produce their own analyzes. In that way we aimed to analyze the importance of teaching resources in geography teaching practice. For this purpose, we discuss about these teaching resources in a historical perspective, using a temporal cut, marked by modern orientation of geography. For this reason, we have chosen as the main source the work "Practices Geographia" by Raja Gabaglia published in the 1920s and as a support material, the IBGE Magazines (1963-1969), the book "Geographico Methodologia of Education" by Delgado de Cavarlho. In this manner, we present a discussion of school culture, and as theoretical basis we use authors as Nagle (2009); Chervel (1990); Dias (2013); Ferreira (2012); Albuquerque (2011); Rock (2009); Carvalho (1925) and Gabaglia (192-). We follow a qualitative research approach of historical tenor in which we emphasize the teaching methods of school geography. Face of this research we can perceive, from teaching resources, the methodological innovations accompany the historical context they are inserted in. And the work analyzed marks a new way of teaching by means of practical class, through an active school.

Keywords: School Geography. Material culture. Didactic resources.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro de Delgado de Carvalho	25
Figura 2: Capa do livro de Raja Gabaglia	32
Figura 3 e 4: Índice do livro “Praticas de Geographia”	33
Figura 5: Parte do livro Praticas de Geographia	34
Figura 6: Exemplo do experimento dos anéis de aço	36
Figura 7: Exemplo de formação de dunas	37
Figura 8 e 9: Exemplo do uso do tabuleiro	38
Figura 10: Exemplo do Quadrante solar	39
Figura 11 e 12: Exemplos do uso de cartas geográficas	40
Figura 13: Exemplo do uso do pantógrafo	41
Figura 14: Exemplo do uso do curvimetro	42

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
CAMINHOS DA PESQUISA.....	9
INTERESSE PELO TEMA DE PESQUISA, CAMINHO METODOLÓGICO E ESTRUTURA DO TEXTO	10
1. CULTURA MATERIAL E MÉTODOS DE ENSINO NA GEOGRAFIA ESCOLAR	12
1.1 CULTURA ESCOLAR E MATERIAIS DIDÁTICOS	12
1.2 O MÉTODO DE ENSINO INTUITIVO	14
2. ORIENTAÇÃO MODERNA NA GEOGRAFIA ESCOLAR	18
2.1 ESCOLA NOVA E A GEOGRAFIA ESCOLAR	18
2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA MODERNA: AS CONTRIBUIÇÕES DE DELGADO DE CARVALHO	21
2.3 RECURSOS DIDÁTICOS NA GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA	24
3. RAJA GABAGLIA E PRÁTICAS DE GEOGRAPHIA	30
3.1 RAJA GABAGLIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR	30
3.2 PRESCRIÇÕES METODOLÓGICAS A PARTIR DE <i>PRÁTICAS DE GEOGRAPHIA</i>	31
3.3 INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA GEOGRAFIA: A PARTIR DO USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS PRESENTES NA OBRA <i>PRÁTICAS DE GEOGRAPHIA</i>	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

CAMINHOS DA PESQUISA

Desde sua formação – final do século XIX -, a Geografia escolar no Brasil era vista como uma disciplina que contribuía para disseminar os valores patrióticos nacionalistas (SILVA, 2008), através de uma lógica conteudista, priorizando uma prática mnemônica e listas de nomenclaturas, valorizando as belezas naturais e as potencialidades do território. Com a inserção dos ideais escolanovistas no país, por volta de 1920, houve a disseminação de novas práticas escolares, com metodologias que possibilitassem aos alunos a criticidade e assim produzirem suas próprias análises.

Buscando modificar as práticas dos escolares, os escolanovistas foram responsáveis por instaurar uma Geografia de orientação moderna em sala de aula. Destacando nessa época o professor Carlos Miguel de Delgado de Carvalho “autor de livros didáticos, e um divulgador entusiasmado de propostas inovadoras para as práticas escolares” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 23), que trouxe da Europa ideais que iam de encontro a forma de ensino que se caracterizava no Brasil.

Junto a Delgado de Carvalho, outros autores como Raja Gabaglia, Honório Silvestre e Everardo Backheuser se destacaram na busca por uma Geografia moderna dedicando-se à elaboração de currículos, a formação de professores, a elaboração de propostas de práticas metodológicas ou de livros didáticos. (ALBUQUERQUE, 2011)

Nesse contexto, reconhecendo a importância das fontes históricas dessa época, objetivamos analisar a importância dos recursos didáticos na prática de ensino de Geografia. Para tanto, utilizaremos como fonte principal de pesquisa a obra *Práticas de Geographia* de Raja Gabaglia (192-)¹, uma vez que na obra supracitada é visível as prescrições metodológicas para o ensino de Geografia a partir do uso de recursos didáticos e como material de apoio, as Revistas do IBGE² (1963 – 1969), bem como a obra *Methodologia do Ensino Geographico* de Delgado de Carvalho. Estes materiais nos permitem um olhar que marca o início e o final do período marcado pela presença da Geografia moderna na escola brasileira.

¹ Devido à má condição da obra não foi possível verificar o ano da publicação, só sabemos que a esta é da década de 1920. Vale salientar que estamos com a impressão do arquivo digital desta obra, visto que essa se encontra na biblioteca do Colégio Pedro II onde foi feita a reprodução fotográfica da mesma.

² As Revistas do IBGE que aqui nos referimos se caracterizam por edições especiais produto do Curso de Férias para Aperfeiçoamento de Professores de Geografia do Ensino Médio, organizado pelo referido instituto, que dataram de 1963 à 1969.

Essas fontes além de marcarem o período da Geografia moderna, elas vão se diferenciar em alguns aspectos. As Revistas do IBGE vão se caracterizar por ser impressos com finalidade pedagógica. As obras *Methodologia do Ensino Geographico* e *Práticas de Geographia* são livros didáticos com propostas de inovação metodológicas. Não se diferenciar pois no primeiro, Delgado de Carvalho só cita os recursos que devem ser utilizados nas aulas de Geografia, no segundo Raja Gabaglia, apresenta o conteúdo e como pode ser abordado, a partir de diferentes recursos. Fato que levou a escolha da análise dessa obra.

Outro fato que levou a escolha pela obra de Raja Gabaglia se justifica pelo desta ser ainda desconhecida pela maioria dos geógrafos, e possuir relevantes contribuições para a Geografia escolar. Sendo assim, esta pesquisa está pautada nas seguintes questões norteadoras: quais as contribuições metodológicas do livro *Práticas de Geographia* de Raja Gabaglia? Quais propostas metodológicas se revelam a partir do uso de recursos didáticos na obra? Qual era o contexto da Geografia escolar no período de circulação desta obra? Estas, dentre outras, são algumas questões que abrem nosso leque de pesquisa.

INTERESSE PELO TEMA DE PESQUISA, CAMINHO METODOLÓGICO E ESTRUTURA DO TEXTO.

A partir de diferentes experiências vivenciadas na academia, surgiu o interesse em compreender as inovações metodológicas a partir da inserção de materiais didáticos na Geografia escolar. O primeiro contato com o ambiente escolar foi com o projeto Geoescola, no ano de 2013 através do programa de pró-licenciatura, com objetivo de levar as instituições públicas de ensino médio, conhecimentos sobre o curso de licenciatura em Geografia. Após esse projeto, surgiu a oportunidade de participar do Programa de Iniciação à Docência- PIBID, e assim a possibilidade de continuar atuando nas escolas, proporcionando uma vivência na prática docente com a utilização de diferentes ações metodológicas.

Para dar prosseguimento ao tema escolhido para ser pesquisado, nos utilizamos da metodologia qualitativa que segundo Gatti e André (2010) trouxe contribuições para o progresso do conhecimento em educação e vem crescendo nacionalmente o desenvolvimento de pesquisas “com apoio na perspectiva histórica” (GATTI; ANDRÉ, 2010, p.35), eles acrescentam que:

Podem ser alocadas nesse grupo as pesquisas que utilizam a história oral e os aportes da Sociologia. Há ainda nesse grupo uma tendência que é caracterizada pelos estudos sobre a escola, as disciplinas e os materiais escolares, associados a perspectiva histórica aos estudos culturais e às questões curriculares (GATTI; ANDRÉ, 2010, p.35).

Fazemos parte do grupo que estuda as disciplinas escolares – neste caso a Geografia escolar – com base nos materiais escolares como parte da cultura escolar. Utilizamos como fonte de pesquisa o livro de Raja Gabaglia *Práticas de Geographia* (192-). O mesmo se encontra na biblioteca do Colégio Pedro II, local de difícil acesso, por não está disponível ao público. Por esse motivo, só conseguimos a obra em versão digital, através da professora e pesquisadora Maria Adailza Martins de Albuquerque³, que através das suas pesquisas, conseguiu ter acesso a obra nessa instituição. Dessa forma, ressaltamos a quão rara é esta obra.

Além da obra supracitada, realizamos um levantamento bibliográfico, sobre a temática relacionada, em diferentes fontes: livros, dissertações, artigos, entre outros, buscando entender o contexto escolar da época em que foi publicada a obra, baseada em diferentes autores como Nagle (2009); Dias (2013); Ferreira (2012); Carvalho (1925); Chervel (1990); Gabaglia (192-) e a pesquisa com fontes históricas, neste caso a obra *Práticas de Geographia*. Durante este levantamento de fontes, nos deparamos com as revistas já citadas anteriormente e acertamos a importância de utilizá-las como material de apoio para nossas análises, como também o livro *Methodologia do Ensino Geographico*.

Buscando facilitar a compressão deste trabalho, o organizamos em três capítulos. No primeiro, discutimos sobre a cultura material escolar e o de ensino método intuitivo. No segundo capítulo, destacamos a orientação moderna na Geografia escolar enfatizando as inovações dessa disciplina no período da Escola Nova (meados da década de 1920), se estendendo ao final de seu período (1970). No terceiro e último capítulo analisamos as prescrições metodológicas contidas em *Práticas de Geographia* livro de Raja Gabaglia, bem como as contribuições desse autor para Geografia escolar.

³ Pós-doutorado em educação. Professora do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e dos programas de pós-graduação em Geografia e em Educação da mesma instituição.

1. CULTURA MATERIAL E MÉTODOS DE ENSINO NA GEOGRAFIA ESCOLAR

A cultura escolar está presente nas diversas práticas pedagógicas, e através dela podemos perceber características do universo escolar: objetivos, finalidades e intencionalidades. Deste modo, neste capítulo, discutiremos sobre cultura material escolar a partir das contribuições de diferentes autores, bem como o método intuitivo. Ao discutir a importância desta, contribuimos para o debate referente à escolarização dos saberes escolares, a história das disciplinas escolares e a historiografia educacional (FERREIRA, 2012).

1.1 A CULTURA ESCOLAR E OS MATERIAIS DIDÁTICOS

Diferentes autores contribuem com a discussão sobre cultura escolar. De acordo com Silva (2006) diferentes tendências investigativas, que consideram a escola com uma cultura própria, surgem baseadas nos seguintes elementos: os atores, os discursos, as linguagens, as instituições e as práticas.

De acordo com Dominique Julia (2001) devemos entender a cultura escolar, associando normas e práticas,

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente socialização) (p.10).

Para este autor, essas normas e práticas devem ser analisadas levando em consideração os profissionais de educação e estes devem “utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação” (JULIA, 2001, p. 10). Ele acrescenta que é preciso pensar na cultura escolar não apenas da escola isoladamente, mas dos sujeitos que a compõem.

Outro autor que aborda esta questão é Viñao Frago (1995). Para ele, cultura escolar é a manifestação do que acontece no interior da escola, um conjunto de práticas, ideias, normas e procedimentos. Como ele afirma, “lo que sucede es que em este conjunto hay alguns aspectos que son más relevantes que outros, en el sentido que son elementos organizadores que la conforman y definen” (FRAGO, 1995, p. 69).

Silva (2006) apresenta as concepções de Forquin sobre cultura escolar, mostrando que esta pode ser entendida como um conjunto de saberes, organizados e didatizados, que irão compor uma base de conhecimentos na qual trabalham professores e alunos. Segundo a autora, essa ideia de Forquin implica em uma “seleção prévia de elementos da cultura humana, científica ou popular, erudita ou de massas” (SILVA, 2006, p. 205).

Com as contribuições desses autores, podemos perceber que os conceitos sobre cultura escolar são semelhantes sendo a escola o centro da discussão, mediante ao universo que esta engloba, sem esquecer das suas particularidades. Sobre a escola, Silva (2006) afirma que esta:

[...]é uma instituição da sociedade, que possui suas próprias formas de ação e de razão, construídas no decorrer da sua história, tomando por base os confrontos e conflitos oriundos do choque entre determinações externas a ela e as suas tradições, as quais se refletem na organização e gestão, nas suas práticas mais elementares e cotidianas, nas salas de aula e nos pátios e corredores, em todo e qualquer tempo, segmento, fracionado ou não (p.206).

Abordamos uma definição que entende a cultura escolar como uma possibilidade de investigar os discursos sobre os sujeitos escolares, os saberes, sensibilidades, dimensões espaço-temporais, valores e materialidade do que é particular da escola (FARIA FILHO, *et al.*, 2004).

Diante do exposto, podemos perceber que o estudo sobre cultura escolar vem possibilitando o uso de diferentes fontes, permitindo reflexões sobre diferentes abordagens e novas possibilidades de pesquisa. Dentre estas fontes, se destaca o livro didático como parte da cultura escolar, Ferreira (2012) aponta que a utilização deste se constitui “como uma forma de desvendar indícios da cultura escolar” (p.29), servindo como um reflexo da cultura e política educacional. Citando Corrêa (2000), a autora ainda nos coloca que:

O livro escolar, ao fazer parte da cultura da escola, não integra essa cultura arbitrariamente. É organizado, vinculado e utilizado com uma intencionalidade, já que é portador de uma dimensão da cultura social mais ampla. Por isso, esse tipo de material serve como instrumento, por excelência, da análise sobre a “mediação” que a escola realiza entre a sociedade e os sujeitos em formação, o que significa interpretar parte de sua função social (*apud* Ferreira, 2012, p.29).

Outro componente da cultura escolar, são as disciplinas escolares, destacamos a Geografia escolar, uma vez que dentro da escola que se produz o conhecimento

(FERREIRA, 2012). Para Chervel (1990) uma disciplina escolar não é apenas a prática do professor em sala de aula,

[...] mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação de massas que ela determina, então a história das disciplinas escolares podem desempenhar um papel importante não somente na história da educação mas na história cultural (p. 184).

Assim, Chervel (1990) nos mostra a relação das disciplinas escolares com a cultura, uma vez que estas são “criações espontâneas e originais do sistema escolar” (CHERVEL, 1990, p.184) merecendo um interesse particular, pois o sistema escolar tem seu poder criativo que “forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global” (Ibid., p.184).

Contrapondo-se a ideia de Chervel, que entende a disciplina escolar como entidade específica. Bittencourt (2004) apresenta Yves Chevallard, que entende as disciplinas escolares como uma “transposição didática”, ou seja, “essa abordagem considera a disciplina escolar dependente do conhecimento erudito ou científico” (Bittencourt, 2004, p.36). Devendo-se evitar o distanciamento entre a produção científica e o que deve ser ensinado na escola.

Concordamos com a concepção que entende a disciplina escolar como criações espontâneas, pelo fato de acreditarmos que as inquietações do sistema educacional são levadas para serem discutidas nas academias. Estas sempre se moldando as necessidades escolares.

Diante do exposto, percebemos a importância dos estudos sobre cultura escolar, uma vez que, nos permite a compreensão dos diferentes elementos que integram o campo educacional. No entanto, é importante destacar que os materiais que fazem parte dessa cultura, durante o século XIX foram responsáveis pela disseminação de um novo método de ensino, caracterizado por possuir um caráter “concreto, racional e ativo” (VALDEMARIN, 2004, p.104) conhecido como método intuitivo como veremos adiante.

1.2 O MÉTODO DE ENSINO INTUITIVO

O método intuitivo foi desenvolvido por Pestalozzi nas escolas da Prússia durante o século XIX, influenciado por Rousseau e sua “concepção da educação como processo que deve seguir a natureza e os princípios como da liberdade, da bondade inata do ser e

da personalidade individual de cada criança” (ZANATTA, 2005, p. 168). Foi buscando reverter a ineficiência do ensino escolar, que tinha um alicerce em uma aprendizagem que priorizava a memorização, a abstração, a repetição e imposição de conteúdos, formando alunos com domínio insuficiente na escrita, leitura e cálculo, que surgiu o método intuitivo (VALDEMARIN, 2004, p. 103).

A proposta de ensino de Pestalozzi baseava-se na intuição, no qual o conhecimento aconteceria através da experimentação de situações (VALDEMARIN, 2010). Junto com a orientação do professor, os alunos eram intuídos sobre o funcionamento e origem das coisas (PEZZATO e SOUZA, 2010). Sobre os princípios do método de Pestalozzi, Zanatta (2005) aponta:

Com a preocupação de viabilizar de modo articulado o desenvolvimento intelectual e moral do homem, Pestalozzi estabeleceu alguns princípios para o seu método de ensino, como: partir do conhecido ao desconhecido; do concreto ao abstrato, ou do particular ao geral; da visão intuitiva à compreensão geral, por meio de uma associação natural com outros elementos e, finalmente, reunir no todo orgânico de cada consciência humana os pontos de vista alcançados (p.170).

Desses princípios destaca-se a percepção sensorial como fundamento de todo o conhecimento. Apesar de não ser novo para época, esse método é colocado sobre um novo prisma por Pestalozzi, no qual o importante era desenvolver a observação e a capacidade de percepção dos alunos (ZANATTA, 2005).

Pestalozzi valorizava a excursão de campo como uma forma de contato direto com a natureza e observação das paisagens, sendo esta uma forma de abordar temas de Geografia, “as excursões, as observações de campo, o uso de mapas e outras representações gráficas em muito contribuíram para dar vida ao ensino de geografia escolar” (ZANATTA, 2005, p 171). Outros autores também defenderam a observação como um método eficiente para aprendizagem dos temas de Geografia. Dias (2013) apresenta Elisée Reclus como um simpatizante desse método na Europa no início do século XX, afirmando que para ele “só a observação e o contato direto com o meio nos fazem aprender e entender a realidade de forma concreta” (p. 63).

No Brasil, quem se destaca com a proposição deste método é Rui Barbosa, no final do século XIX, a partir do decreto de reforma no ensino por Leôncio de Carvalho, ministro da época. Segundo Zanatta (2005) foi utilizando o método intuitivo, orientado pela “Lição de coisas” de caráter objetivo e ativo, que se pretendeu reformar o ensino baseado na renovação pedagógico-didática. Para isso, Rui Barbosa publica *Primeiras*

Lições de coisas, uma tradução da obra de Calkins (1880), com objetivo mostrar os ideais de Pestalozzi aos mestres brasileiros, como também documentar a pedagogia desenvolvida. Devido à dificuldade dos professores adequarem-se ao método este foi reconhecido como parte da pedagogia tradicional (ZANATTA, 2005).

A pedagogia de Rui Barbosa antecipou o movimento da Escola Nova no Brasil, porém, só com a inserção desse movimento em nosso país esse método passa a ser mais valorizado. Delgado de Carvalho – precursor dos ideais escolanovistas no ensino de Geografia no Brasil - defendia a observação como um método capaz de superar o ensino mnemônico da época, no qual os alunos deveriam aprender a partir dos sentidos. Para Delgado:

O menino tem faculdades de observação muitíssimo mais desenvolvidas do que as faculdades de elocução e expressão; por isso convém fornecer-lhe maior material de observação, muito maior número de realidades já mais poderosamente decorar (CARVALHO, 1925, p. 72).

O método intuitivo foi uma ferramenta de grande importância para consolidação e diversificação dos materiais didáticos no contexto escolar, entre o fim do século XIX e começo do século XX, uma vez que “observar e trabalhar eram essenciais no método e os objetos didáticos tornaram-se o elemento mais significativo das lições de coisas” (SOUZA, 2007, p.175). Sendo assim, este método fez com que professores utilizassem, frequentemente, os materiais didáticos no ensino das disciplinas, como nos mostra Souza:

Para tudo era necessário material [...]. Para o ensino de geografia e história: globo terrestre, tabuleiros de areia, quadros de história do Brasil, mapas. Para o ensino de ciências físicas e naturais: laboratórios, museus, quadros Deyrolle, estampas, quadros de história natural, esqueleto humano, bússola, microscópio, peças anatômicas, mapas de física [...] (2007, p. 175).

Estes objetos estimulavam a formação de ideias, favorecendo aprendizagem a partir da observação estando ligada aos sentidos (DIAS, 2013). Valdemanin (2004) aponta, em um âmbito mais geral, outros materiais didáticos que fizeram parte do momento de renovação pedagógica:

Os materiais didáticos difundidos neste período [...]compreendem, além de mobiliário escolar, caixas para ensino das cores e das formas, gravuras, coleções, objetos variados de madeira, aros, linhas, papéis etc. em substituição ao livro de textos para serem memorizados (p.104).

Devido às inovações propostas, surgem os manuais para orientar o uso de materiais na prática pedagógica, e o livro – antes utilizado pelos alunos com textos para serem memorizados - passa a ser utilizado pelo professor, com modelos de atividades que representavam a orientação metodológica prescrita (VALDEMARIN, 2004).

Desta forma, percebemos a importância do método intuitivo em um momento de renovação educacional, modificando as ferramentas de ensino e as metodologias dos professores. Como vimos, esse método também foi importante no ensino de Geografia escolar – principalmente após introdução dos ideais da Escola Nova nesta disciplina. É sobre a nova orientação metodológica que a Geografia escolar passa a sofrer com o ideário escolanovista que iremos discorrer no capítulo a seguir.

2. ORIENTAÇÃO MODERNA NA GEOGRAFIA ESCOLAR

O ensino de Geografia vem sendo discutido em diversos trabalhos que buscam entender como essa disciplina se configurou no currículo escolar e nas universidades como é o caso das pesquisas de Pezzato e Souza (2010); Dias (2013); Ferreira (2012); Albuquerque (2011) e Rocha (1996). Diante disto, neste capítulo iremos abordar sobre a Geografia escolar em um momento de renovação pedagógica, conhecido como Escola Nova, identificando a importância de Delgado de Carvalho e sua orientação moderna para esta disciplina, bem como a análise de alguns recursos didáticos produzidos nessa época.

2.1 A ESCOLA NOVA E A GEOGRAFIA ESCOLAR

Foi no período das ações expansionistas européias no final do século XIX, que a Geografia se firma como conhecimento sistematizado. Sendo este conhecimento importante para conquista de novos territórios, não é à toa que é na Alemanha onde a Geografia se constitui como disciplina escolar, uma vez que este país ainda se encontrava fragmentado no que se refere à constituição de seu território nacional.

Discutiremos agora como essa disciplina se configurou nos currículos brasileiros, pensando em seu papel na propagação dos debates educacionais da primeira república. Para tanto seguiremos as contribuições de diferentes autores presentes no trabalho de Ferreira (2012).

Segundo Vlach (1988) citada por Ferreira (2012) a Geografia começa a fazer parte do currículo escolar, para que fosse difundida a ideologia de nacionalismo patriótico, com a exaltação da terra, fornecendo suporte pedagógico à escola como aparelho reprodutor do Estado. Para esta autora a Geografia escolar no Brasil ocorreu semelhante ao modelo do currículo Francês, com a formação de uma ideologia nacionalista, com a valorização do sentimento de nacionalismo patriótico. (Vlach, 1988 *apud* Ferreira, 2012)

Rocha (1996) discorda do posicionamento de Vlach (1988), acreditando que a Geografia não promovia a propagação do sentimento patriótico, devido ao seu caráter de nomenclaturas e descrição de outros continentes mais do que o Brasil. Por esse fato, os conteúdos ensinados nas escolas não poderiam garantir o saber geográfico sistematizado, pois seguiam um esquema enciclopédico “iam desde a descrição da esfera celeste, passando em seguida pela descrição das características naturais e humanas dos diferentes continentes, para somente, no fim alcançar a descrição do Brasil” (ROCHA, 1996, p.158).

Ferreira (2012) apresenta um outro pondo em que esses autores discordam, o fato de Vlach (1988) entender que “era de fundamental interesse dos legisladores fazer da disciplina Geografia um instrumento de grande relevância na propagação e difusão da ideologia do nacionalismo patriótico” (FERREIRA, 2012, p.64). Para Rocha (2006) a criação dessa disciplina no ensino secundário do Colégio Pedro II, deixava claro que o objetivo não era esse, pois se limitava a um pequeno grupo social, não atingindo a grande massa da população, que levaria a consciência nacionalista (apud Ferreira, 2012).

Apresentando as contribuições de Sousa Neto (2000), Ferreira (2012), vai mostrar que este autor colocava em xeque as ideias dos autores supracitados. Para ele a escola, sozinha, não comandava a disseminação dos ideais nacionalistas, visto que, a grande parte da população brasileira não chegava aos bancos escolares no período imperial e, que essa participação implicava o controle da elite dominante, que estava à frente da escola, determinando o que era ser brasileiro e ser um cidadão pertencente à pátria.

Diante dessas colocações apresentadas no trabalho de Ferreira (2012), entendemos que a Geografia escolar ajudou na difusão do discurso do nacionalismo patriótico, devido ao fato da Geografia se constituir em uma disciplina escolar nessa época – final do século XIX- se configurando como uma que surge na escola (ROCHA, 1996).

Com características de uma Geografia clássica, ou seja, descritiva, mnemônica e enciclopédica, só no final do século XIX com a emergência do método intuitivo - já comentado do capítulo anterior – ocorre uma mudança no ensino desta disciplina, ganhando maior importância com a inserção do movimento Escola Nova em meados da década de 1920.

Este movimento foi marcado pela inserção de uma nova maneira de ensinar, buscando um “novo sentido das transformações que se processam no terreno das histórias das ideias educacionais” (NAGLE, 2009, p.261). Segundo este autor, a inserção dos ideais escolanovistas no Brasil passaram por duas fases: a primeira constituída do fim do império até o início do século XX e a segunda a partir da década de 1920, marcada pela difusão dos ideais da Escola Nova (Idem, 2009).

Para Nagle (2009) a primeira fase seria a “preparação do terreno” (p.262), por não haver condições sociais e pedagógicas que propiciassem o desenvolvimento de uma nova escolarização. Após a proclamação da república a questão da moral e cívica tornou-se importante para formação da nacionalização. Segundo ele,

É nesse quadro que se justificam os esforços e as produções de natureza cívico-pedagógicas das correntes nacionalistas, bem como as energias empregadas para proceder à desalfabetização da maioria do povo brasileiro, que se transforma no problema crucial da nação. De qualquer maneira, se privilegia a dimensão cívico-nacionalizadora da escolarização (NAGLE, 2009, p.263).

A segunda fase é marcada pela difusão dos ideais através da expansão e modificação das literaturas, com a publicação de trabalhos com assuntos alusivos a nova pedagogia. Essa fase é marcada pelo movimento liberal que concedeu o enraizamento dos ideais escolanovistas (Idem, 2009).

Ainda de acordo com Nagle (op. cit.), este movimento de renovação representa uma alteração no processo de aprendizagem, criticando o ensino tradicional e abrindo espaço para Escola Nova, por meio de novas atividades curriculares como a música, o canto, o cinema escolar, educação física, jogos educativos e excursões escolares. Concordamos com este autor quando ele afirma que a Escola Nova contribui para disseminação de novos ideais educacionais, para além deste fato, transforma o sentido de antigas práticas escolares, “bem como são introduzidas outras atividades e alteradas as existentes” (Ibid., p. 267).

No processo de institucionalização desse movimento, o educador adquire a responsabilidade de fornecer meios para que a criança desenvolva por si, promovendo espaços de aprendizagem que viabilizem a compreensão da função social da escola (FERREIRA, 2012). Nesta nova concepção buscava-se educar através da ação do aluno, por meio de “trabalhos livres, da atividade lúdica, dos trabalhos manuais” (NAGLE, 2009, p.273).

Desta forma, podemos perceber que este movimento de renovação pedagógica trouxe contribuições para diversas disciplinas. Na Geografia não foi diferente, as aulas desta disciplina que possuíam um caráter mnemônico, dão espaço para aulas em que o aluno entra em contato direto com ambiente, havendo uma preocupação com a didática da época (SOUZA; PEZZATO, 2010).

Ainda no que se refere à Geografia escolar, se destaca como precursor dos ideais renovadores para esta disciplina Delgado de Carvalho, que introduz no ensino de Geografia no Brasil novas metodologias de aprendizagem, como veremos adiante.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA MODERNA: AS CONTRIBUIÇÕES DE DELGADO DE CARVALHO

Os renovadores da educação passaram organizar o campo educacional, através de um movimento de modernização, com referenciais das propostas trazidas pelos escolanovistas, o “como educar”, baseados no “como ensinar” e como devem ser os “procedimentos de ensinar” (Ferreira, 2015). Parafraseando Rocha (1996) essa autora mostra que:

Este momento pode ser definido como uma fase de constituição da modernidade educacional voltada para a constituição de uma sociedade moderna e republicana, com projetos que dão uma nova configuração ao processo de escolarização brasileira mesmo que de forma lenta, evidenciando, portanto, as permanências que próprias desse e de outros processos históricos (p. 65).

Assim, esse período foi marcado pela institucionalização de uma orientação francesa, no qual Delgado de Carvalho e Raja Gabaglia propõem mudanças que procuram romper com a abordagem metodológica tradicional da época, com propostas de inovações metodológicas para o ensino de Geografia (Ferreira, 2015).

Esses intelectuais de orientação moderna favoreceram a constituição de cursos superiores de Geografia – lembrando que esta disciplina foi instituída na escola, antes mesmo de se tornar uma disciplina acadêmica – criando as bases científica dessa disciplina, voltado para formação de professores desta (Ibidem).

Ainda de acordo com Ferreira (2015) esse período foi marcado pelas mudanças nas produções didáticas, com publicações de Raja Gabaglia, Mario da Veiga Cabral, Delgado de Carvalho, Aroldo de Azevedo, entre outros autores dessa geração, que publicam livros destinados ao ensino secundário com proposições de inovações de cunho metodológico.

Dentro deste contexto, destacaremos inicialmente o professor Delgado de Carvalho, sendo este o expoente de uma Geografia moderna. Conheçamos quem foi este autor e suas contribuições para a Geografia moderna.

Carlos Miguel Delgado de Carvalho nasceu na França em 1884. Filho de brasileiros formou-se em Letras na Universidade de Lion, na França em 1905. Estudou direito em Lousanne, e em 1907 ingressou na Escola de Ciências Diplomáticas de Paris e na Escola de Economia e Política de Londres, chega ao Brasil em 1907 (CASTRO,

2009). Segundo Rocha (2009), Delgado de Carvalho foi influenciado pelos ideais liberais e democráticos europeus, esta influência “o fizeram defensor da crença no espírito do progresso e da liberdade do homem, elementos que vão perpassar toda a sua produção teórica” (ROCHA, 2009, p.87).

Delgado de Carvalho exerceu várias funções: escritor, jornalista, geógrafo, sociólogo e educador. Foi professor e anos depois diretor do Colégio Pedro II (COSTA, 2009). Também foi mentor e organizador do Curso Livre Superior de Geografia, destinado a atualização de professores do primário. Participou do Conselho Nacional de Educação. Em 1932 foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Representou o Ministério da Educação no Diretório Central do Conselho Brasileiro de Geografia, em 1937. Poucos anos depois fez parte da Comissão do Livro Didático. Sua contribuição para Geografia escolar se deu até os anos de 1950 com a participação no INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira) (ALBUQUERQUE, 2011).

No que refere à produção didática de Delgado de Carvalho, destacamos o livro *Methodologia do Ensino Geographico*, publicado no ano de 1925, que propunha novas metodologias para o ensino de Geografia. Delgado de Carvalho criticava o ensino mnemônico que se configura no Brasil, com listas de nomenclatura imensas, longe da realidade do aluno. Como ele afirma:

Nas escolas do Brasil e de outros paizes de nosso continente, a geografia é o estudo de uma das modalidades da imaginação humana, isto é, da sua faculdade de attribuir nomes, de chrismar areas geographicas. [...] Aqui, quem não sabe nomenclatura não sabe geographia, e deste modo a poesia e a geographia são productos directos da imaginação, apesar de fazerem parte de cadeiras differentes (CARVALHO, 1925, p.4).

Diante dessa forma de ensinar, segundo este autor, aos professores era reservado a função de guardadores de livros de Geografia, cabendo a este saber se o aluno conseguiu memorizar a matéria do compêndio. Albuquerque (2011) aponta que quando este autor chega ao Brasil, ainda não havia cursos de formação de professores, portanto, lecionavam as pessoas que possuíam boa memória que armazenassem a ordem de respostas dos alunos.

Delgado de Carvalho propunha um conhecimento mais científico da Geografia, partindo de uma Geografia física elementar, em que a fisiografia deveria ter como base o estudo da pátria. Nas aulas de Geografia humana, deveria ser dado um destaque a

antropogeografia (ROCHA, 2009), no qual o meio em que vive o aluno fosse assunto principal em qualquer tema abordado.

Para Delgado, a Geografia moderna se caracterizava pela comparação. Segundo Rocha (2009), Delgado diferenciava a Geografia tradicional que estudava “o universo e seus habitantes” enquanto a Geografia moderna estudava o “universo em relação aos seus habitantes”. As concepções eram diferentes em função, sobretudo, do método sobre a qual a segunda se assentava. A partir das contribuições de Ferraz (1995), Rocha (2009) explica este método, apontando como fundamental para uma efetiva aprendizagem da Geografia:

Este método consistia em descrever a realidade estudada de forma objetiva, empiricamente comprovada, racionalmente exata, de maneira a inviabilizar dúvidas e contradições. Para tal, a indução, análise e síntese eram elementos cruciais, pois, ao se estudar a realidade como um todo, dividir-se-ia este todo em partes, descrevendo suas características principais após criteriosa observação, estabelecer-se-iam as relações que cada parte tinha com a outra e, somar-se-iam estas várias partes para se ter noção do todo sistematizado. Eis, em rápidas palavras, o método científico, de fundamentação positivista-funcionalista, que os geógrafos brasileiros identificavam como o único capaz de resolver os problemas da ciência e da sociedade brasileira (p. 55-56).

Devido às dificuldades de se difundir as orientações modernas nas salas de aula de Geografia no Brasil, Delgado aponta alguns empecilhos que se apresentavam para tal efetivação:

Um movimento análogo entre nós terá de lutar com as seguintes dificuldades: 1º - A falta de vulgarização dos modelos e typos do novo curso geográfico, cujo conhecimento é ainda restrito a meia dúzia de estudiosos. 2º- A dificuldade de alcançar e reunir professores de geographia. 3º- Caso seja possível alcançá-los, a dificuldade de convecel-os de que estiveram ensinando até hoje poucas relações tem com a verdadeira geographia. (CARVALHO, 1925, p. 9)

Apesar das dificuldades acima apontadas, Delgado de Carvalho trouxe proposições para o ensino de Geografia no geral, apesar de sua atuação como docente se dá no ensino secundário. Para o primário, propôs a adoção de círculos concêntricos, passando do conhecido para o desconhecido. Para ele “a finalidade deste ensino é o estabelecimento elementar, mais claro e permanente das relações entre a terra e o homem” (CARVALHO, 1925, p.48). Após a escolha do método de progressão, o professor devia traçar as etapas para o ensino. No ensino secundário, o saber geográfico deveria ser fundamentado nos propósitos científicos, apoiados na fisiografia que permitiria o conhecimento das causas e fenômenos e sua classificação, sem deixar de considerar os saberes dos alunos da escola secundária (ALBUQUERQUE, 2011).

Para Albuquerque (2011) este autor teve um papel preponderante no ensino de Geografia devido à luta pela melhoria deste, mas suas propostas só foram aceitas em partes. Primeiro ponto foi a relação entre a Geografia escolar e os saberes acadêmicos, mesmo antes da sua institucionalização, “modificando completamente a produção escolar, pois que nas produções anteriores este viés não estava estabelecido” (p.47). Segundo ponto se refere à adoção de livros didáticos de Geografia com uma orientação sobre estudos regionais. E o terceiro ponto diz respeito à prática dos professores no qual “os reclames de Delgado encontraram dificuldades e enfrentamentos para serem superados” (ALBUQUERQUE, 2011, p.47).

A Geografia escolar moderna perdura até os anos de 1970, “quando se institui no país os estudos sociais e se verifica o surgimento de uma Geografia escolar muito conservadora, atrelada à perspectiva tecnicista” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 24).

Diante do exposto, percebemos que a Geografia moderna faz uma ruptura com o passado, marcado por uma Geografia Clássica que priorizava a memória e as práticas mnemônicas, com propostas de uma nova metodologia para ser ensinada em sala de aula. Destacando-se Delgado de Carvalho como uma importante figura no ensino de Geografia no Brasil, com suas propostas modernas para o ensino desta disciplina, trazendo para o Brasil inovações metodológicas que se opunham ao ensino tradicional e mnemônico aqui empregado.

2.3 RECURSOS DIDÁTICOS NA GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA

Neste tópico apresentamos algumas propostas metodológicas prescritas a partir do uso de recursos didáticos publicadas no período em que se configurou a Geografia moderna. Para tanto, escolhemos o livro *Methodologia do Ensino Geographico* de Delgado de Carvalho (1925) e alguns artigos das *Revistas do IBGE* publicadas durante a década de 1960 destinadas a cursos de formação de professores, dentre eles escolhemos os artigos de Reis (1967); Esposel (1967); Nehrer (1969); Barroso (1969); Leite (1969). Logo a seguir, podemos ver a da capa da obra de Delgado de Carvalho.

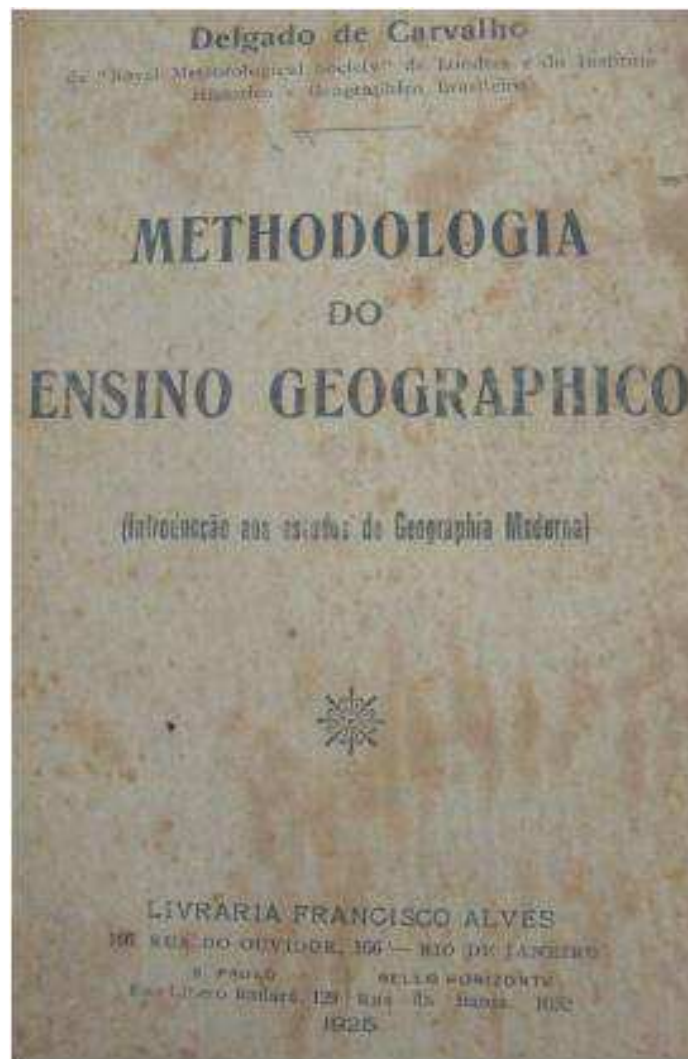


Figura 1: Capa do livro Methodologia do ensino geographico.

Fonte: FERREIRA, 2012.

Na obra de Delgado, percebemos que o autor propõe o uso de diferentes metodologias. Sobre as representações gráficas, ele nos coloca que “representar é reproduzir graphicamente ou traçar a imagem de um objecto ou de vários objectos respeitando suas distancias respectivas e proporções” (CARVALHO, 1925, p. 56). Desta forma, a imaginação e a representação dos alunos devem ser levadas em conta pelo professor, então propõe que a noção de planta deve ser dada primeiro na mesa depois no quadro negro, como afirma:

Assim, sobre a mesa podem ser traçados pelo próprio alumno as plantas de uma caixa de phosphoro, seguindo apenas a lapis os seus contornos e retirando em seguida a caixa, de um lapis de um tinteiro, de um objeto qualquer. Pouco a pouco, gradualmente, passa-se a representações e, proporções, a carteiras de sala de aula, á mesa, á própria sala e, por fim, ao prédio (CARVALHO, 1925, p.57).

O pátio do recreio é apontado por Delgado como “o passo seguinte” após a sala de aula e a escola. Para ele seria um local que vale a pena ser observado após um dia de chuva, pois “reúnem-se ahi, em miniatura, todas as feições características da crosta terrestre” (CARVALHO, 1925, p.60). O professor deveria chamar atenção das crianças a direção para onde a água corre, o local que se formam as poças, a formação de córregos, até chegar à formação dos rios. Após os conhecimentos sobre a formação dos rios, o aluno deveria aprender sobre a formação dos solos a partir de tabuleiros de areia, que deveriam ser o eixo das aulas práticas no segundo ano do primário. Nehrer (1969) também cita os tabuleiros de areia como recursos que pode ser utilizado pelo professor requerendo sua criatividade.

Outro recurso apontado por Delgado de Carvalho nas aulas de Geografia é o compêndio, que consiste em “um texto sempre acompanhado de um atlas” (1925, p.108). Para ele, quando o atlas está em correlação com o texto, é realizada a condição desejável de “perfeição didática”. Sobre o atlas, este autor vai dizer que é essencial que ele seja moderno, com mapas físicos e econômicos, e o aluno deve saber usar convenções de escala. Desta forma, o ensino deve seguir da seguinte maneira: texto- atlas- palavra-prática. Para Carvalho “o compendio deve dizer apenas o indispensavel: fazer apelo antes a intelligencia do que á memoria” (1925, p.112) os nomes próprios devem ser deixados no atlas. Desta forma o compendio serve como um recurso após a explicação do mestre (CAVALHO, 1925).

Corroborando com as ideias de Delgado de Carvalho, Esposel (1967) apresenta o texto-leitura, que serve para “trazer informações complementares, contribuir para uma visão mais ampla dos tópicos abordados no compêndio escolar”, suprimindo possíveis inconveniências causadas pela não existência de uma coleção de obras para os alunos. O atlas é visto por Barroso (1969) como um instrumento capaz de criar um hábito de pesquisa do aluno, despertar a noção de espaço e o raciocínio através da observação.

Após a proposta de uso de compêndios, Delgado aponta a redação como instrumento de avaliação, chamando de dissertação geográfica. Segundo ele “aprender factos por meio de compendios, de atlas, para servirem de material a futuras composições sobre o assumpto” (CARVALHO, 1925, p.121) porém essas dissertações não seriam a cópia desses e sim a interpretação.

Na obra de Delgado, encontramos também a documentação fotográfica como um recurso didático, sendo ela de três maneiras diferentes: As vistas fotográficas, as projeções fixas e as fitas cinematográficas. Segundo este autor, “a photographia, quando

significativa e bem escolhida, é evidentemente o melhor auxiliar do atlas e do texto” (CARVALHO, 1925, p.141) proporcionando infinidade de coisas. Cabia ao professor constituir seu arquivo geográfico, escolhendo as vistas adequadas ao ensino. Então as vistas deveriam obedecer alguns princípios para poder ser submetidas à observação do aluno:

- a) Ser uma reprodução da verdade e não uma circunstancia excepcional apresentada como usual [...]
- b) Ser sempre acompanhada de um amplo commentario. Dez ou vinte linhas escriptas abaixo de uma fotografia aquivalem didacticamente a uma ou duas paginas de texto de compendio [...]
- c) Ser, o mais possível, uma reprodução artística, bem feita, bem apanhada. [...] As vistas artísticas educam o bom gosto, agradam e ensinam por mesmo muito mais (CARVALHO, 1925, 142-143).

As projeções fixas são recursos bastante valorizados, tanto na obra de Delgado como “documentação mais sensacional” (1925, p.143) como nos artigos da revista do IBGE (1967) ditas “extraordinárias como forma de apresentação da matéria, excelente auxiliar para integração e fixação do conteúdo da aprendizagem” (ESPOEL, 1967, p. 16). Destacam-se nessas obras o uso de lanternas mágicas e diapositivos de vidro.⁴

No que se refere aos conteúdos que podem ser representados nas projeções, Delgado ressalta que o estoque de chapas deve ser grande, com assuntos separados em caixas, abrangendo os fenômenos fitográficos: “aguas, correntes athmosphera, geleiras, valles, lagos, mares, littoraes, vulcões, agricultura, indústria, cidades, typos de casas, typos de raças, etc.” (CARVALHO, 1925, p.144). Na revista do IBGE (1967) é destacado:

O material a ser exibido será cuidadosamente escolhido. Em se tratando de confeccionar diapositivos ou preparar as ilustrações para os episcópios, atentar para a objetividade, relacionando-os bem com o assunto. Verificar se apresentam condições de clareza ou se necessitam alguma interpretação ou explicação complementar. É sempre conveniente conter a figura elementos que permitam estabelecer, por comparação, a devida proporção: uma pessoa junto a tipos de vegetação, um navio ao lado de um "iceberg", etc. (ESPOSEL, 1967, p. 20).

Outro tipo projeção fixa apontada são as fitas cinematográficas que auxiliam tanto a Geografia como outras ciências naturais, com filmes que duram de cinco a sete minutos podendo ser interrompidos para explicação (CARVALHO, 1925). Esposel (1967) chama estas de projeções animadas, e cita as obras da Walt Disney. Percebemos, ao se comparar a proposta dessas duas, que as fitas foram dando espaço a filmes mais longos.

⁴ O material a ser exibido nos diascópios pode ser encontrado em quadros isolados, constituído o diapositivo ou slide e ligados numa sequência, em número variado de quadros, sendo, então, chamado de diafilme, filmes fixos, “roll-filmes” ou ainda “filmstrip” (ESPOEL, 1967, p.18).

No fim da sua obra, Delgado de Carvalho aponta os processos gráficos que serviam para compreender fatos e fenômenos mais complexos. Segundo ele “um graphico tem assim por fim apresentar claramente a intensidade e as variações de um phenomemo, no tempo ou no espaço” (CARVALHO, 1925, p.185) sendo assim, os principais processos eram: os diagramas, os cartogramas e os estereogramas. Segundo ele “o digramma é a representação graphica de um phenomemo por meio de figuras geographicas equivalentes aos algarismos estatisticos que caracterizam este phenomemo” (p.187-188) sendo os elementos principais o ponto (que representaria um número), a linha (representaria a quantidade estudada), o círculo (que forneceria uma base do diagrama linear) e a superfície (serviria para representar quantidades e compará-las).

Por cartograma Delgado de Carvalho entende como “um mappa geográfico eschematico sobre o qual são lançadas informações estatísticas representadas por meios convencinaes” (1925, p.200) sendo uma vantagem deste a localização dos fenômenos. Segundo Santos (2005):

O cartograma, segundo Delgado de Carvalho, requer que o aluno já possua conhecimento da nomenclatura da geografia elementar, pois em sua maioria são mapas mudos (sem nome de rios, locais etc.), uma vez que figuram como emigração, utilização de meios de transporte, criação de suínos etc. (p.98)

Finalmente Delgado de Carvalho apresenta os estereogramas que “são representações geométricas solidas, isto é, três dimensões” (CARVALHO, 1925, p. 210). Segundo ele, a visualização mental desses acidentes era difícil e ao ver seria mais fácil a compreensão, por isso a necessidade representações sólidas em três dimensões do assunto estudado. Desta forma “auxiliado por semelhante solido o professor verificará facilmente que os alumnos o acompanham sem esforços e não perdem um só detalhe porque, em vez de imaginar, elles vêem a realidade, que podem, além de tudo alcançar com o tacto” (CARVALHO, 1925, p.211-212).

Podemos encontrar na revista do IBGE publicada em 1969, recursos audiovisuais apresentados por Nehrer, dentre eles destacamos o flanelógrafo “trata-se de um quadro mural revestido de uma flanela” (NEHRER, 1969, p. 21). E o arquivo de documentação que consiste em um “conjunto de ilustrações, gravuras e desenhos colecionados de jornais, revistas etc. é um auxiliar do professor em sua tarefa extra-sala, ou seja, de preparar uma aula” (NEHRER, 1969, p. 21).

Diante disto, percebemos que a obra *Methodologia do Ensino Geographico* escrita por Delgado de Carvalho, foi de grande importância para o ensino de Geografia, principalmente na constituição de uma Geografia moderna, pois além de traçar metodologias para o ensino de Geografia e apontar recursos didáticos – que muitos deles são inovações para época – a obra auxilia no trabalho do professor e na aprendizagem do aluno. Nos artigos selecionados da revista do IBGE percebemos que há também uma preocupação com uso de diferentes recursos e metodologias na sala de aula de Geografia, buscando o interesse do aluno por esta ciência.

3. RAJA GABAGLIA E PRÁTICAS DE GEOGRAPHIA

Nesse capítulo buscamos analisar as contribuições de Raja Gabaglia para Geografia escolar, bem como a apresentar sua obra, mostrando as diferenças das outras fontes aqui apresentadas, e também ver quais os recursos didáticos que estão presente na mesma.

3.1 RAJA GABAGLIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR

Poucos são os estudos sobre a vida do professor Fernando Antônio Raja Gabaglia. Encontramos no trabalho de Machado (2000) algumas contribuições sobre a vida desse autor, afirmando que este apresentou importantes contribuições para a renovação e difusão da Geografia no Brasil. Juntamente com Delgado de Carvalho, Everardo Backheuser e outros professores e pesquisadores, Raja Gabaglia objetivava fundar a nova escola de Geografia e desenvolver uma classificação para o território e para a população brasileira:

Para Raja Gabaglia, a disciplina Geografia auxiliaria a construção da sociedade, uma vez que instrumentalizaria as atividades do Estado na execução de estradas, nos mapeamentos, nos levantamentos de recursos, etc. Enfim, a disciplina Geografia forneceria ao Estado um domínio do território e, conseqüentemente, a possibilidade de realização da tão aclamada identidade nacional (MACHADO, 2000, p. 133).

Ainda de acordo com este autor, Fernando Antônio Raja Gabaglia atuou tanto no campo da Geografia quanto no da política educacional brasileira. Foi professor do ensino secundário no Colégio Pedro II, autor de livros didáticos e um dos fundadores do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atuou também como Secretário de Educação do Distrito Federal (1944) e Diretor de Colégio Pedro II. Junto com seu irmão João Capistrano Raja Gabaglia, contribuíram para a formação do Conselho Nacional de Geografia e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (MACHADO, 2000).

Delgado de Carvalho reconhece a importância de Raja Gabaglia no que se refere a mudança no currículo de Geografia:

A este propósito tenho o prazer de dizer que o jovem professor de geographia em cujas mãos se acham os destinos do actual programma do Collegio Pedro II, meu illustre amigo e collega, sr F. Raja Gabaglia, se acha francamente contrário a orientação medieval que até hoje respeitou. Espírito formado na nova escola geographica, conhecedor das melhores obras estrangeiras sobre o assumpto, ele se acha em condições de emprehender a grande reforma de que necessitamos tanto (CARVALHO, 1925, p.8).

Junto com Delgado de Carvalho, Raja Gabaglia elaborou o currículo do Colégio Pedro II e participou de discursões sobre a Escola Nova. Com a proximidade de ambos, buscaram inovar os métodos para se trabalhar a Geografia pátria e objetivaram tornar a Geografia mais moderna, baseando-se nas práticas humanas. De acordo com Ferreira (2012) “lutavam por um ensino de Geografia que não mais se pautasse na descrição densa dos conteúdos e nas numerosas discussões da Geografia de outros países” (p.134). Sobre a inovação trazida por este professor, Delgado de Carvalho ainda afirma:

Como exemplo do que serão os programmas do futuro, apesar de muito senões, apesar de lacunas, parece-nos que os progammas de Geographia do Collegio Pedro II representam um novo typo do maximo a exigir em um mínimo de pontos. Os professores Fernando Raja Gabaglia e Honório Silvestre não recuaram diante de uma inovação radical e assumiram, pode-se dizer, uma attitude peremptória diante da opinião publica pedagógica. Não esboçaram timidamente um gesto no sentido dos methodos modernos, fizeram tabula rasa e construíram um novo edifício, consultando o que havia de melhor, à luz dos interesses da educação nacional (CARVALHO, 1925, p.23).

Apesar das poucas obras sobre a vida e as contribuições de Fernando Raja Gabaglia para a educação, percebemos que assim como Delgado de Carvalho, este autor foi de grande importância para a disciplina de Geografia, buscando a modernização desta, a partir de novas práticas metodológicas, como veremos adiante.

3.2 PRESCRIÇÕES METODOLÓGICAS A PARTIR DE *PRÁTICAS DE GEOGRAPHIA*

Como foi visto, Fernando Raja Gabaglia contribuiu para o ensino de Geografia, reconhecendo a importância deste autor, nesse tópico analisaremos o seu livro *Praticas de Geographia*, editado pela Francisco Alves. Quanto ao ano de publicação não foi possível identificar com precisão, constando na ficha catalográfica apenas 192-, devido ao mal estado de conservação da obra. Esta está disponível em tela na biblioteca do Colégio Pedro II, portanto tivemos acesso apenas ao arquivo digital da mesma. A seguir podemos ver a imagem da capa desta obra:

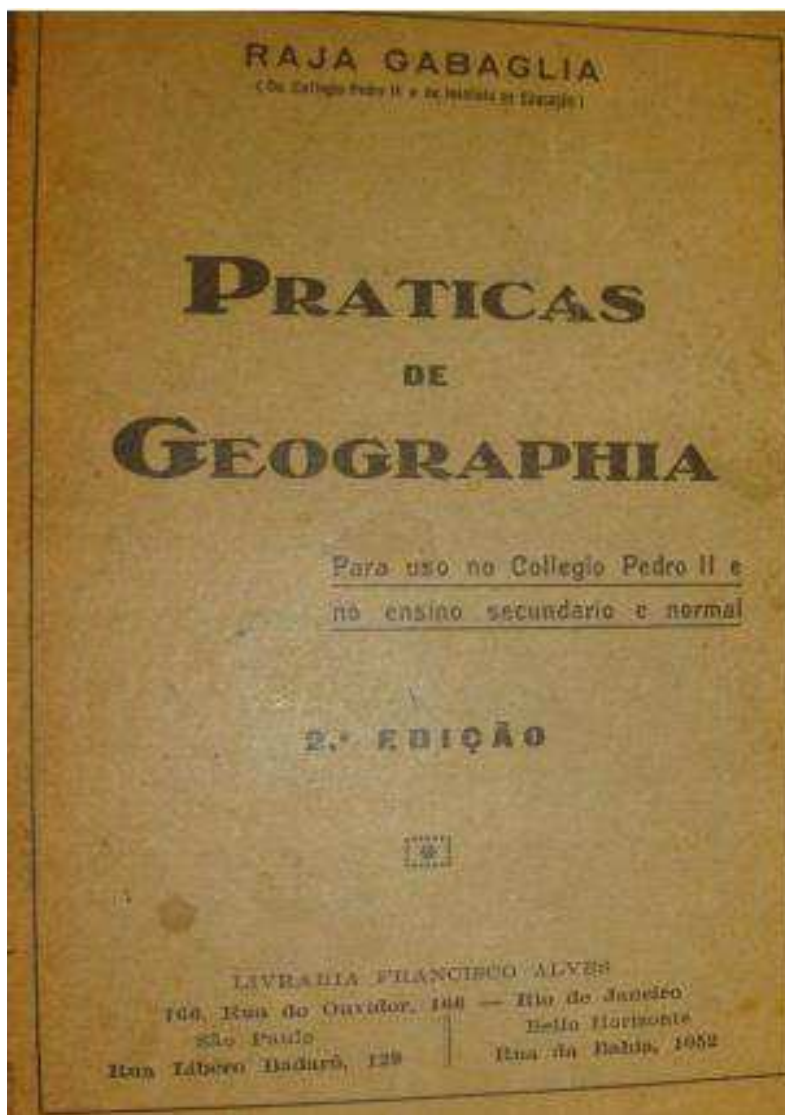


Figura 2: Capa do livro de Raja Gabaglia
 Fonte: FERREIRA, 2012.

A obra contém 234 páginas, organizada em tarefas práticas, divididas em quatro eixos (ver figura 3): I- Demonstrações e Experiência, no qual o autor demonstra experiências, por meio de instrumentos práticos, de alguns fenômenos geográficos, como a formação das chuvas, a influência da temperatura das águas na formação da corrente marítima; II- Determinações diversas, apresenta conceitos da Geografia e aborda sobre os fusos horários, os processos de orientação, o clima, os ventos entre outros; III- Trabalhos gráficos e plásticos; nesse eixo são apresentados as representações cartográficas, com trabalhos gráficos e de escala; finalmente temos o eixo IV- Leitura de cartas, no qual ele apresenta diferentes formas e utensílios que servem para medir cartas.

Após os eixos, encontramos outras divisões que apresentam os dados e estatísticas para a construção de diagramas e cartogramas, dividido por temáticas de Geografia física, Geografia política e Brasil. Em seguida, temos o Glossário de termos técnicos, no qual são explicados alguns termos presentes no livro. E por fim, as Notas, apresentando a grafia de alguns nomes geográficos (estrangeiros e nacionais), o material de um gabinete de Geografia, (ver figura 4) e em seguida algumas referências de medidas descritas em tabelas.

<u>INDICE</u>		PAGS.
I — Demonstrações e Experiências		
Demonstração dos movimentos da Terra com auxílio do tellurio	7/42	
Demonstração experimental do achatamento da Terra. A experiencia de Plateau	9/10	
Demonstração experimental do achatamento polar. A experiencia dos aneis de aço	11/13	
Demonstração experimental do movimento de rotação da Terra. A experiencia de Foucault	14	
Experiencias relativas a formas do relevo terrestre	15/18	
Demonstração experimental da formação das chuvas	19/23	
Experiencias sobre a acção das aguas no modelado da Terra	24/25	
Demonstração experimental de phenomenos vulcanicos	26/32	
	33/35	
II — Determinações diversas		
Processos de Orientação	43/104	
Determinação da Latitude e da Longitude	45/53	
Tempo solar. Tempo medio. Equação do tempo	54/64	
Hora legal. Fusos horarios	65/71	
O clima: seus elementos e factores. A temperatura	72/78	
A pressão atmosferica	79/86	
A pluviosidade	87/95	
Os ventos	96/100	
III — Trabalhos graphicos e plasticos		
Escalas	101/106	
A representação do relevo do sólo nas cartas e plantas	107/172	
A representação dos demais accidentes geographicos (signaes conventionnes)	109/112	
Cópias de cartas	113/126	
	127/134	
	135/143	

Figura 3 e 4: Índice do livro *Praticas de Geographia*
Fonte: FERREIRA, 2012.

No início da obra, Gabaglia (192-) faz uma recomendação para o público ao qual deve se destinar esta:

O ensino de Geographia deve ter sempre um cunho pratico. Para atender a este objetivo é que organizamos o presente livro, que servirá de guia nas aulas praticas para os professores e os alunos de Geographia Geral e Chorographia do Brasil do Collegio Pedro II, dos institutos a ele equiparados e, em geral, de todos os estabelecimentos de ensino secundário e normal do paiz (p. 7).

Desta forma, percebemos que esta obra serviria para os alunos exercitarem os conhecimentos adquiridos nas aulas de Geografia e, como um manual para os professores, organizarem suas aulas de forma mais prática, uma vez que, podemos observar que junto

às atividades há uma espécie de manual do professor, mostrando cada passo os procedimentos metodológicos. Assim, percebemos como está obra é importante para se entender as metodologias da época.

Ferreira (2012) mostra que este manual do professor apresentado por Gabaglia, é uma forma de inovação “o que pode dizer que é mais um artefato metodológico que visa garantir a aplicação das atividades exatamente como pensadas e organizadas pelo autor” (p.119). Esta autora também chama atenção para as modificações na produção do livro, apontando as mudanças no tamanho da letra, na quantidade das imagens e no trato das mesmas, na qualidade dos conteúdos em forma de texto corrido e na forma de abordar os conceitos.

Nessa obra analisada percebemos uma abordagem de conhecimento mais prático, a partir da introdução dos estudos geográficos. São trabalhados a construção de mapas e escalas, as formas de representação do relevo, a determinação da distância de lugar, entre outras formas de se aprender Geografia de forma mais prática. Para Raja Gabaglia, esse saber mais prático era possível quando os estabelecimentos possuíam um Gabinete de Geografia, como podemos ver na figura abaixo:

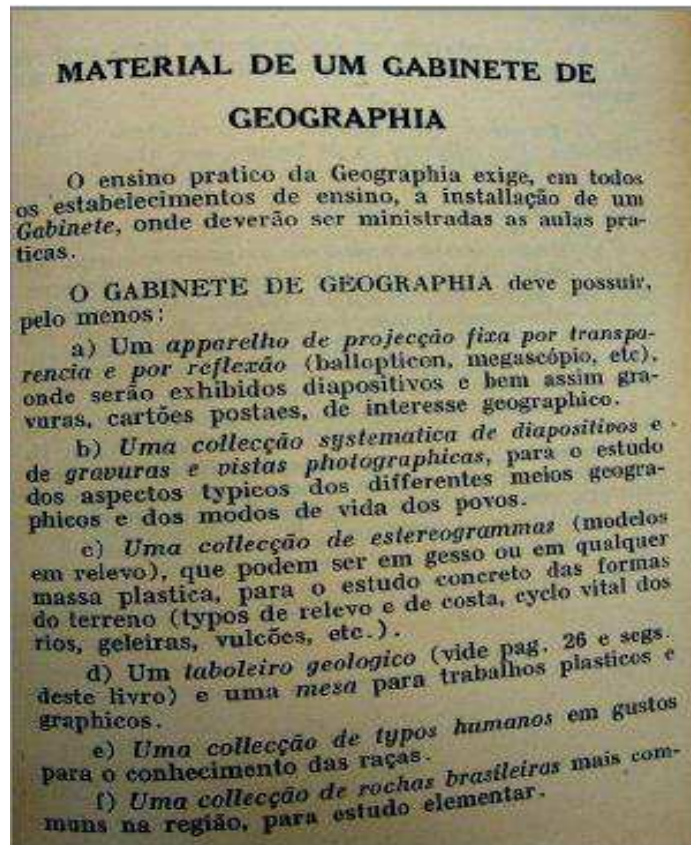


Figura 5: Parte do livro *Práticas de Geographia*.

Fonte: FERREIRA, 2012.

Conforme podemos observar na figura, o Gabinete de Geografia seria composto por aparelhos de projeção fixa, coleções de diapositivos, gravuras e vistas fotográficas, coleção de estereogramas, tabuleiro, coleções diversas, bussolas e uma pequena biblioteca. Este espaço, composto de diversos recursos didáticos, proporcionaria o método de ensino ativo.

Com isso percebemos que, assim como Delgado de Carvalho, Raja Gabaglia apresentava uma resistência ao ensino mnemônico da Geografia, baseado na repetição e memorização dos conteúdos. Pretendiam uma forma de ensinar mais ativa, a partir da experimentação, da prática e da comparação.

Buscando atender à exigência de um novo Programa para o ensino de Geografia, através de métodos novos e modernos, professores como Raja Gabaglia, Delgado de Carvalho e Honório Silvestre, iam ao estrangeiro buscar esses métodos e adaptá-los a educação nacional, propondo uma nova forma de ensinar Geografia com currículos mais modernos. A obra de Raja aborda conteúdos indicados pelo Programa, (como foi possível observar na figura 3), quando trabalha os conteúdos a partir de experiências e exercícios (FERREIRA, 2012).

Ao analisar o livro *Praticas de Geographia* percebemos, através dos conteúdos presentes na obra, que o mesmo é voltado para Geografia física. Durante toda a obra o autor apresenta o conteúdo e uma experiência ou recurso que possa servir para maior compreensão do aluno sobre os temas dessa área geográfica. Adiante veremos os recursos ou materiais didáticos que eram sugeridos nesta obra.

3.3 INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA GEOGRAFIA: A PARTIR DO USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS PRESENTES NA OBRA *PRÁTICAS DE GEOGRAPHIA*

Já vimos que a obra de Raja Gabaglia inovou no que se refere a estrutura do livro (imagens, texto corrido, forma de abordar os conceitos) e nas propostas metodológicas do mesmo. Diante disto, analisaremos agora as inovações a partir do uso de recursos didáticos que estão prescritos no mesmo. Como durante toda a obra o autor utiliza diversas experiências práticas, apresentaremos algumas.

Inicialmente o autor mostra o Telúrio, segundo ele, entre os diversos modelos os mais utilizados nos liceus e colégios era o Lange, este equipamento serviria para se ter a noção dos dois principais movimentos da Terra. Em seguida ele apresenta um experimento de Plateau que servia para mostrar a forma elipsoide da Terra, para tanto

seria utilizado: água, álcool, azeite de oliva e um vaso para se colocar a mistura. Com esta mesma temática ele apresenta a experiência dos anéis de aço, conforme podemos ver na figura:

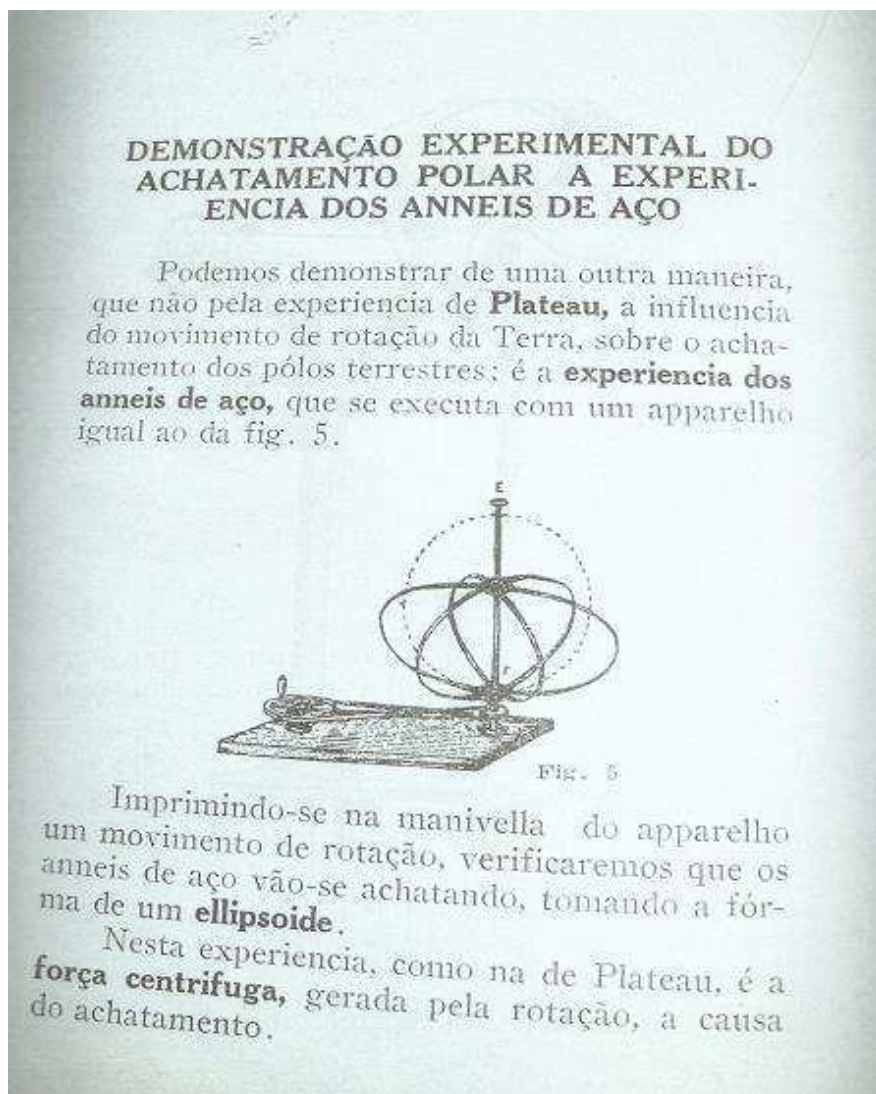


Figura 6: Exemplo do experimento dos anéis de aço.
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Continuando, Raja Gabaglia apresenta várias experiências, dentre elas “Experiências relativas a formas do relevo terrestre”. Nesta parte, ele mostra a formação de rugas da crosta terrestre, por meio do aparelho Hall-Meunier, e também a formação de dunas, como podemos ver na figura abaixo:

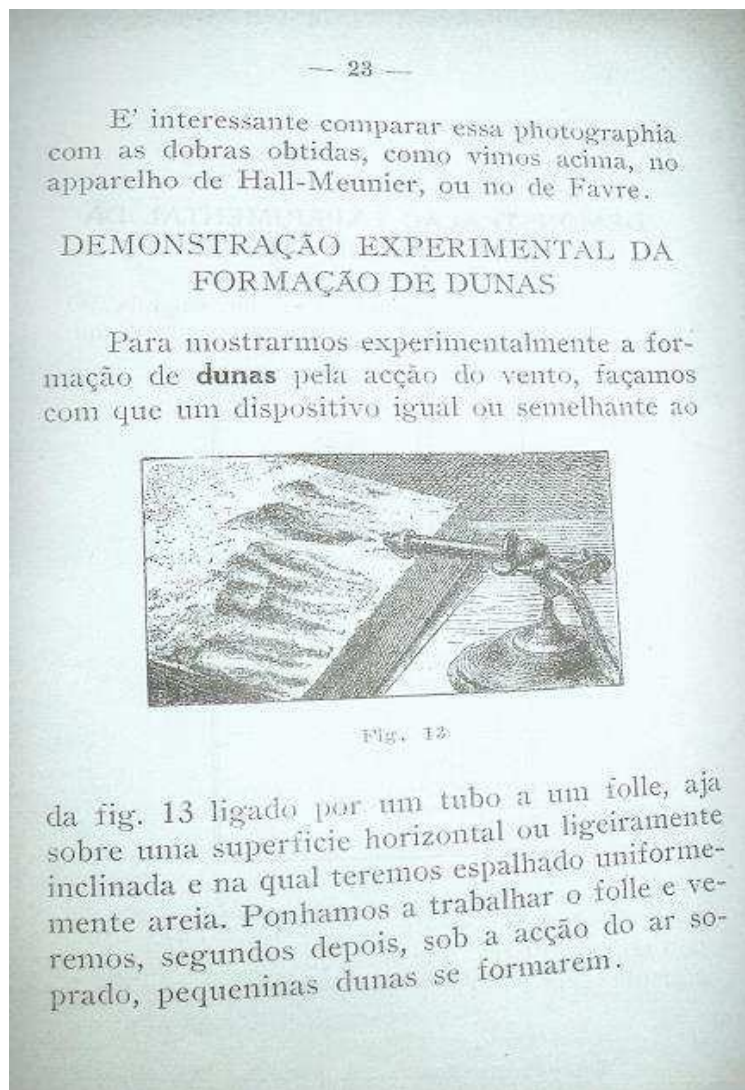


Figura 7: Exemplo de formação de dunas.
Fonte: GABAGLIA, 192-.

O tabuleiro geológico é um recurso apontado também nessa obra analisada (vimos que na obra de Delgado de Carvalho e na revista do IBGE esse recurso também foi mencionado). Então Raja Gabaglia vai mostrar o uso desse recurso para demonstrar a acção das águas no modelado de terra “neste aparelho, que passamos a chamar tabuleiro geologico, a agua cairá em chuva fina; essa agua virá de uma torneira que se possa fechar mais ou menos” (GABAGLIA, 192-, p. 26). Então os experimentos que seguiram com o uso desse recurso eram: “demonstração da acção das chuvas, das torrentes e das enxurradas”; “demonstração da acção dos rios”; “demolição e contrucção do litoral pelas vagas”; e “demonstração experimental da formação de estuário e delta”. Podemos ver nas figuras abaixo o uso desse recurso.

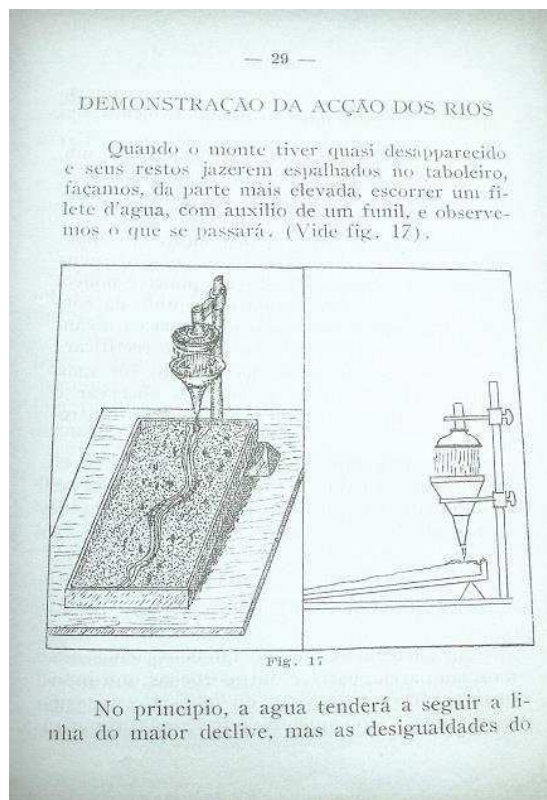
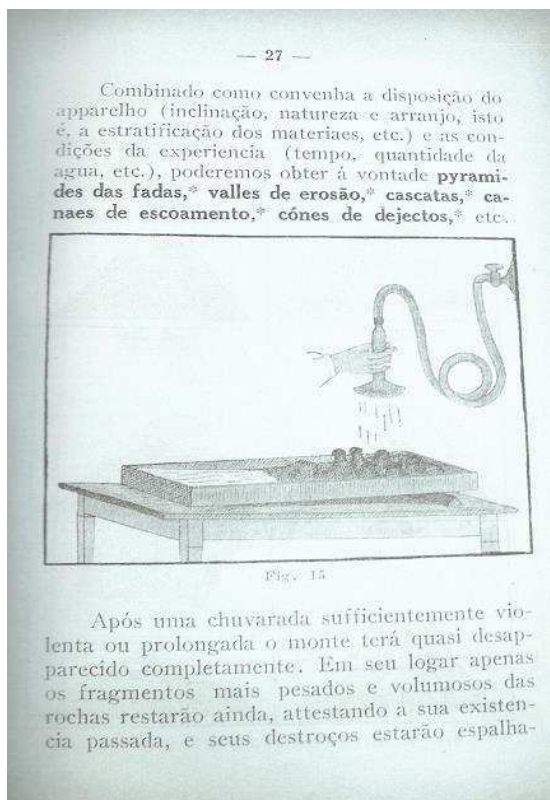


Figura 8 e 9: Exemplo do uso do tabuleiro
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Percebemos que este recurso poderia ser mais utilizado hoje em dia, nas aulas de Geografia. Por ser uma ferramenta fácil de montar, abranger diferentes conteúdos e, dependendo do uso, possibilitar a criatividade do aluno.

Após apresentar diferentes formas de orientação, Raja Gabaglia aponta a bússola como um recurso que ajuda no processo de orientação. Ele enfatiza o fato de a bússola apresentar o norte magnético, sendo necessário um ajuste para mostrar o norte geográfico. Também aponta o uso desta para determinação do meio-dia solar. Quando se aborda sobre a determinação da latitude, uma das formas apontadas na obra é através do recurso do globo terrestre.

Apesar da bússola não ser um instrumento novo para época, notamos que seu uso em sala de aula é caracterizado como uma inovação, levando o aluno a aprender a utilizar o equipamento e assim compreender como se orientar.

Notamos outra preocupação com a orientação, quando Raja Gabaglia aponta o quadrante solar, um recurso para a determinação do tempo solar verdadeiro. Na figura 9 podemos ver a explicação deste equipamento. E, em seguida, ele apresenta a resposta que o equipamento pode trazer, “quando o mostrador é paralelo ao equador e, por conseguinte, perpendicular ao ponteiro, o quadrante é equatorial; si o mostrador é

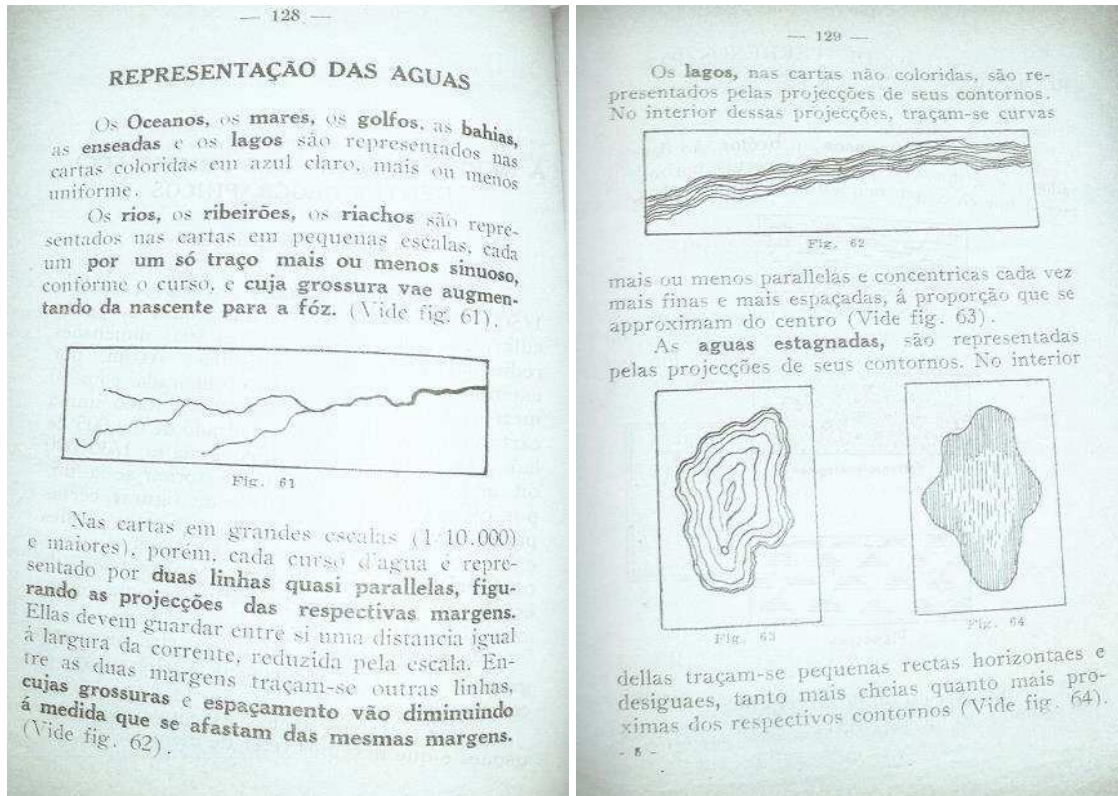
horizontal, o quadrante é dito horizontal; si o mostrador está num plano vertical qualquer, o quadrante é chamado vertical declinante [...]” (GABAGLIA, 192-, p. 68). A utilização deste é também apontada para determinação da hora solar verdadeira.



Figura 10: Exemplo do Quadrante solar
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Gabaglia também se preocupou com outras questões, como os fusos horários, apresentando o planisfério como um recurso para compreender melhor a diferença de horário. Também apresenta o termômetro, para medir temperaturas, o barômetro para medir a pressão atmosférica e o pluviômetro para medição de chuvas. Estes são recursos que o autor apresenta como forma de analisar o clima e os seus elementos. Notamos que alguns deles ainda estão presentes nas aulas de Geografia, principalmente o planisfério.

As Cartas geográficas são apresentadas para o uso nas representações do relevo, na representação de acidentes geográficos, na representação das águas, de culturas agrícolas, e de cidades e vilas. Vejamos nas figuras abaixo um uso desse recurso.



Figuras 11 e 12: Exemplos do uso de cartas geográficas.
Fonte: GABAGLIA, 192-.

O Pantógrafo é um recurso que deve ser utilizado “si quizermos uma copia com certa exactidão, é de toda conveniência recorrermos a um aparelho especial que se denomina pantographo” (GABAGLIA, 192-, p. 140). Conforme na figura 12:

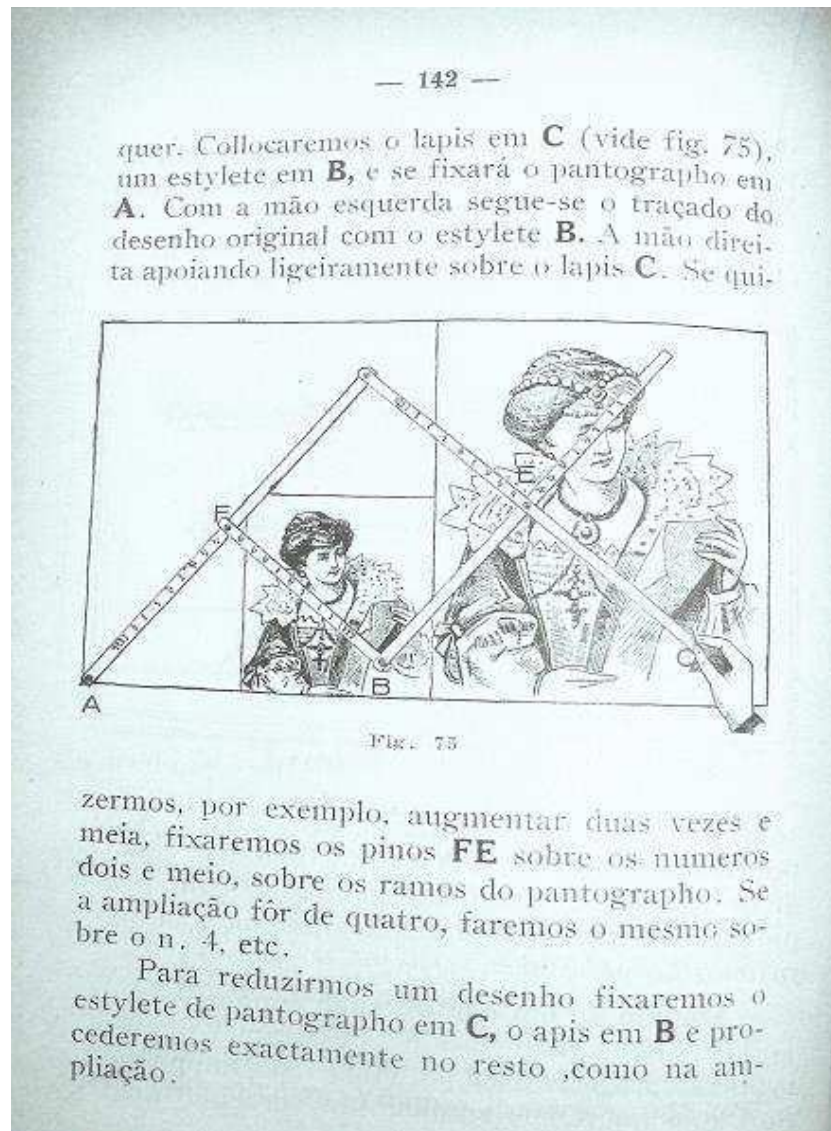


Figura 13: Exemplo do uso do pantógrafo
 Fonte: GABAGLIA, 192-.

Assim como vimos na obra de Delgado de Carvalho, também encontramos o uso de digramas e cartogramas, nessa obra, que segundo Raja Gabaglia:

Diversos phenomenos e factos de Geographia Physica, de Geographia Politica e de Geographia Economica podem ser expostos, localizados ou representado graphicamente mediante desenhos adequados e esbôços cartográficos, construidos segundo determinadas regras. Esses desenhos e esbôços contituem os diagrammas e os cartogrammas (GABAGLIA, 192-, p. 145).

Essas representações gráficas segundo Gabaglia (192-) se diferenciavam pelo fato do diagrama ser a representação gráfica de um fenômeno por figuras geométricas e o cartograma seria um “mappa geográfico schematico sobre o qual são lançadas informações e estatísticas representadas por meios convencionaes” (GABAGLIA, 192-, p. 145).

Essas representações gráficas, junto as cartas geográficas são uma forma de conhecer o território, uma preocupação de Raja Gabaglia apontada por Machado (2000) “a disciplina Geografia forneceria ao Estado um domínio do território e, conseqüentemente, a possibilidade de realização da tão aclamada identidade nacional” (p.133).

Por fim, Raja Gabaglia apresenta a importância da leitura de cartas: “lêr uma carta é interpretar sobre ella todas as particularidades do terreno figurado” (GABAGLIA, 192, p. 175). Diante disto, apresenta alguns aparelhos que possa medir, como o curvimetro, quando se desejar ter uma precisão. E o planímetro quando desejar obter uma avaliação da área de um terreno. Como podemos ver na figura abaixo:



Figura 14: Exemplo do uso do curvimetro.
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Dessa forma, percebemos os diferentes recursos indicados na obra *Praticas de Geographia* todos para auxiliar na prática do professor, para que fosse deixado de lado um ensino tradicional, e adotado um ensino moderno, preocupado com a aprendizagem do aluno.

Acreditamos que o que se pretendia era estimular o aluno a pensar, a partir de experiências práticas, com auxílio de recursos didáticos, levando o aluno a aprender, compreendendo os fenômenos, diferentemente das listas de nomenclaturas que presavam pelo decorar, sem instigar o pensamento dos alunos.

Entretanto, após essa análise desta obra alguns questionamentos surgem: Quais as reais condições de execução dessas metodologias? Até que ponto os professores de Geografia adotaram essa forma de ensinar? Apesar de ser um livro destinado ao Colégio Pedro II esta discussão chegava a escola em outras escolas? Quais desses recursos ainda são utilizados nos dias de hoje?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a Geografia moderna é caracterizada por uma nova forma de ensinar Geografia, como foi possível verificar ao estudarmos os recursos didáticos propostos por Delgado de Carvalho e nos cursos de aperfeiçoamento do IBGE, bem como na análise feita da obra *Praticas de Geographia* de Raja Gabaglia. Notamos que havia uma busca por um ensino de maneira prática, em que os alunos fizessem parte do processo. Os temas da Geografia física são visíveis, marcados com conteúdos de uma Geografia patriótica que exaltava o território nacional a partir de sua extensão de potencialidades naturais.

Alguns dos recursos didáticos propostos nessas obras já se configuravam como tecnológicos para época, a exemplo dos diapositivos de vidro, as projeções fixas e as lanternas mágicas. Isso mostra que as inovações metodológicas acompanham o contexto histórico em que estão inseridas. O uso de tais aparelhos audiovisuais estimulavam a curiosidade do aluno ao mesmo tempo que proporcionavam aulas mais interessantes.

Houve uma presença de recursos de cartografia como os mapas, as cartas, cartogramas e diagramas, na maior parte das obras consultadas, atrelamos isto ao fato de estar se formando o território nacional, com uma busca de se formar o sentimento nacional.

O livro de Raja Gabaglia marca uma nova forma de ensinar, por meio da aula prática, com a utilização de diferentes recursos que promovessem a curiosidade e a participação do aluno no processo de aprendizagem, por meio de um ensino ativo, seguindo uma orientação moderna da Geografia escolar. Desta forma, essa obra caracteriza-se por sua inovação, rompendo com os métodos antigos de se ensinar Geografia.

Desta forma, tanto esses recursos como os demais apontados nesse trabalho foram importantes para prática de ensino de Geografia, uma vez que, eles promoviam a aprendizagem dos alunos, estimulando o pensamento crítico.

Assim, finalizamos mostrando que a utilização de diferentes recursos didáticos para promover de aulas de Geografia mais interessantes e práticas, é uma preocupação de séculos. Portanto reconhecemos que a obra de Raja Gabaglia, apesar de antiga, é um material que pode auxiliar na nossa prática de professor atualmente, principalmente nas aulas de Geografia física, que são mais complicadas de se entender quando se segue uma forma de ensino tradicional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU JUNIOR, Laerthe de Moraes. **Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar**. Pro-Posições, v. 16, p.145-164, 2005.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Dois Momentos na História da Geografia Escolar: a Geografia Clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**. Rio de Janeiro, v.1 n. 2. 2011. p. 19-51.

BARROSO, Ney Julião. Utilidade do atlas geográfico escolar. In: IBGE. **Curso de férias para aperfeiçoamento de professores de geografia do ensino médio**. 1969. p. 43-45.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. O que é disciplina escolar? In: BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 33-52.

CARVALHO, Delgado de. **Methodologia do Ensino Geographico**. Petropolis: Typographia das Vozes de Petropolis, 1925.

CASTRO, Therezinha de. Carlos Delgado de Carvalho. In: IBGE. **Geografia e Geopolítica: A contribuição de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro**. Rio de Janeiro, 2009. p. 21-38.

COSTA, Patrícia Coelho da. Delgado de Carvalho: a trajetória de um educador. In: IBGE. **.Geografia e Geopolítica: A contribuição de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro**. Rio de Janeiro, 2009. p. 39-52.

CHERVEL, A. **História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Revista Teoria e Educação, Porto Alegre, v.2, 1990. p. 177-229.

DIAS, Angélica Mara de Lima. **Linguagens lúdicas como estratégia metodológica para a Geografia escolar na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1935)**. (Dissertação de mestrado). UFPB: João Pessoa, 2013.

ESPOSEL, José Pedro. Organização de uma aula de geografia política com o livro "Leituras Geográficas". In: IBGE. **Curso de férias para aperfeiçoamento de professores de geografia do ensino médio**. 1967. p. 11-22.

FARIA FILHO, L. M. de. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, 2004.

FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa. **Os exercícios nos livros didáticos de geografia no Brasil: mudanças e permanências (1980-1930)**. (Dissertação de mestrado). UFPB: João Pessoa, 2012.

_____. **Os exercícios nos livros didáticos de Geografia destinados ao ensino primário no Brasil: Uma discussão metodológica**. (dos anos de 1880 aos anos de 1930) (Exame de qualificação da tese de doutorado). UFPB: João Pessoa, 2015.

FRAGO, Viñao. Historia de la educación e historia cultura. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.0, p. 63-82, 1995.

GABAGLIA, Raja. **Praticas de Geographia**. Livraria Francisco Alves. 192-.

GATTI, Bernardete, ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian. PFAFF, Nicole. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

JULIA, Dominique. A Cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n.1, p. 9-44, 2001.

LEITE, Francisco Barboza. Técnicas visuais no ensino da geografia. In: IBGE. **Curso de férias para aperfeiçoamento de professores de geografia do ensino médio**. 1969. p.46-48.

MACHADO, Mônica Sampaio. A implantação da geografia universitária no Rio de Janeiro. In: **GEOgraphia**. Ano. II. No 3, 2000.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 3ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

NEHRER, Tharceu. Recursos audiovisuais no ensino da geografia. In: IBGE. **Curso de férias para aperfeiçoamento de professores de geografia do ensino médio**. 1969. p. 17-26.

SOUSA, Thiago Tavres de. PEZZATO, João Pedro. A geografia escolar no Brasil de 1549 até a década de 1960. In: GODOY, P. R. T., (org). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia [online]**. São Paulo; Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SOUSA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (Org.) **Culturas escolares saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. P.163-189.

REIS, David Penna Aarão. O material didático no ensino da geografia. In: IBGE. **Curso de férias para aperfeiçoamento de professores de geografia do ensino médio**. 1967. p. 3-10.

ROCHA, Genylton Odilon Rego. **Por uma geografia moderna em sala de aula: Rui Barbosa e Delgado de Carvalho e a renovação do ensino de geografia no Brasil**. **Mercator** – Revista de Geografia da UFC. Ano 08, número 15, 2009, p. 75-94.

_____. **A trajetória da Disciplina Geografia no Currículo Escolar Brasileiro (1837-1942)**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 1996.

SANTOS, Marco. Delgado de Carvalho: um *gentleman* cartesiano In: IBGE. **Geografia e Geopolítica: A contribuição de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro**. Rio de Janeiro, 2009. p.11-14.

SILVA, Rosana Nogueira. **O movimento educacional escolanovistas e a Geografia como disciplina escolar- permanência e mudanças.** João Pessoa. UFPB, 2008.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares Silva. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n.28, p. 201-216, 2006.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas:** análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo. Campinas: Autores Associados, 2004 (Coleção educação contemporânea).

ZANATTA, Beatriz Aparecida. **O método intuitivo e a percepção sensorial como legado de Pestalozzi para Geografia escolar.** In: Cad. CEDES. Campinas, v. 25, n. 66, maio/ago. 2005. p. 165-184. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> . Acesso em: 20 fev. 2016.